


* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (1998), pós-doutor e professor visitante (2009, 2014 e 2018) na Universidade de Verona – Itália e pós-doutor (2011) na Universidade de Milão (Itália). Professor titular na Universidade de Passo Fundo (UPF), Passo Fundo, RS, Brasil.

E-mail: jctedesco@upf.br

 <https://orcid.org/0000-0002-8935-5697>

Recebido em 01/12/2022

Aprovado em 16/06/2023

A IMIGRAÇÃO E A FOME

aspectos do vivido por
venezuelanos/as em Pacaraima – RR

IMMIGRATION AND HUNGER

aspects of life experience for
Venezuelans in Pacaraima - RR

*João Carlos Tedesco**

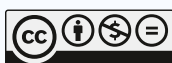
“A marmita que salva”

Resumo: O texto analisa, de uma forma sintética, alguns dos aspectos presentes no cenário migratório atual; enfatiza a correlação da imigração com a questão da fome. O cenário de análise empírica é a cidade de Pacaraima na fronteira com a Venezuela, no estado de Roraima. A análise conclui demonstrando que a Operação Acolhida do governo brasileiro, em conjunto com várias entidades, é de extrema importância para amenizar o sofrimento, permitir alguma esperança de vida melhor no Brasil, bem como resolver o problema premente e vital da fome para grande parte dos milhares de imigrantes venezuelanos.

Palavras-chave: Imigração venezuelana. Operação Acolhida. Roraima. Fome.

Abstract: The text analyzes, in a synthetic way, some of the aspects present in the current migration scenario; it emphasizes the correlation of immigration with the issue of hunger. The setting for the empirical analysis is the city of Pacaraima, on the border with Venezuela, in the state of Roraima. The analysis concludes by demonstrating that the Brazilian government's Operação Acolhida, in conjunction with various entities, is extremely important in alleviating suffering, allowing some hope of a better life in Brazil, as well as solving the pressing and vital problem of hunger for a large part of the thousands of Venezuelan immigrants.

Key-words: Venezuelan immigration. Operação Acolhida. Roraima. Hunger.



INTRODUÇÃO

A partir do início do século XXI, os deslocamentos populacionais assumiram algumas configurações distintas dos fenômenos anteriores. Países em desenvolvimento também estão absorvendo contingentes migratórios internacionais, fato esse que não é mais exclusividade de países ricos, com grande concentração de capitais. A imigração Sul-Sul Global revela esse dinamismo mais intenso e, de certa forma, diferenciador dos últimos anos. Imigrantes de algumas regiões da África, em particular, a subsaariana, do continente asiático e latino-americano vêm imprimindo trajetórias pouco dinâmicas até então, as quais se direcionam também para o Brasil. O caso de venezuelanos para o Brasil, Argentina e Colômbia é expressivo disso.

As migrações internacionais recentes para o Brasil vêm se tornando pauta de muitas manchetes midiáticas (jornais e televisão), polêmicas, discussões acadêmicas, jurídicas e políticas; demandaram nova legislação a partir de 2017, com muitos avanços, mas extremamente criticada pelos analistas dos direitos humanos e dos direitos dos imigrantes em particular, em razão dos cortes governamentais em relação ao texto original aprovado na casa legislativa, seus constantes aditivos e normativas, configuração de imigrantes em situação de refúgio, sendo esses, em alguns casos, com intensa ideologização e politização, em particular, venezuelanos, manifestações sociais em torno de múltiplas questões.

Há um *caminho civilizatório* amplo para ser percorrido no sentido de entender, hospedar e conviver harmonicamente com a imigração e os imigrantes na sociedade atual, no Brasil em particular. Imigrantes ainda são vistos desde os tempos dos regimes coloniais como “raças submetidas” (Arendt, 1963), sujeitadas, inferiorizadas, sem direito à mobilidade social, principalmente no que tange ao horizonte laboral, como invasores e, por isso, devem ser coibidos pelos estados-nacionais, estigmatizados pela mídia, negados e discriminados por grupos neofacistas e de extrema direita em várias partes do mundo.

A realidade migratória atual vem demonstrando que há imigrantes e imigrantes; há os que conseguem com mais facilidade entrar nos países, há os que entram, mas não podem retornar, pois não há como voltar ou levar os filhos porque não possuem o visto. Devemos considerar que os imigrantes são sujeitos que transitam em múltiplos territórios e, por isso, conectam-se e se articulam por várias redes em fronteiras também diversas (religiosas, linguísticas, culturais, geográficas e políticas), porém, sempre em correlação com a esfera do trabalho. Desse modo, eles diversificam seus pertencimentos, suas relações com os espaços e com as esferas que se retroalimentam. Entendida assim, a imigração é também circulação, ou seja, processo que se dá em interligação do aqui e do acolá, rede de relações possibilitadas por estratégias (retornos, trânsitos, relações mais fortes ou não num determinado lugar, identificação linguística e/ou religiosa com determinados grupos,

Dito isso de uma forma genérica, nosso artigo objetiva analisar alguns dos processos que reconfiguram a imigração internacional contemporânea, com centralidade para venezuelanos no Brasil. É um texto sintético, escrito a partir de uma experiência de pesquisa e de trabalho desenvolvida em Roraima, mais precisamente, nas cidades de Pacaraima e Boa Vista, durante todo o mês de novembro de 2022. Estivemos nesses espaços para auxiliar em atividades burocráticas e assistenciais, bem como buscar entender alguns dos processos que envolvem as ações do estado e de várias entidades junto aos imigrantes venezuelanos que se inserem no Brasil por aquela fronteira.

Em termos metodológicos, buscamos entrevistar imigrantes venezuelanos sem nenhum recorte ou particularidade de sexo, idade, profissão, etc. Nossos contatos permitiam um diálogo mais aberto, com indagações em torno de aspectos da vida deles

antes de emigrar, a decisão de sair, os meios para chegar até a fronteira, a existência ou não de redes e que tipos de vínculos, os processos efetivados no interior das políticas governamentais brasileiras, as idealizações, bem como aspectos da situação econômica e política de seu país.

Para efeito de um texto sintético¹ que nos foi solicitado e que correlacionasse o tema da imigração com a fome, buscamos, ainda que de uma forma genérica, pontuar alguns elementos nesse sentido. Desse modo, estruturamos o presente texto, primeiramente, abordando alguns elementos genéricos do atual quadro migratório e, posteriormente, daremos ênfase a alguns aspectos da realidade vivida por imigrantes venezuelanos e que configuram um quadro de desespero e de fome vivido no país de origem e, de algumas esperanças em sua inserção no horizonte laboral no Brasil.

1 PARA MUITOS, UM MUNDO DE POUCAS ALTERNATIVAS...

Tive fome e me deste de comer (Mt 25,35-45).

Tenho a convicção de que não há uma correlação mais adequada para a imigração do que fome; ou, então, uma alternativa de esperança para amenizar esta que esteja tão em evidência quanto aquela. É claro que nem toda a imigração é fruto da fome, da falta de condições financeiras e de sobrevivência material. Há outros horizontes e causalidades que produzem as saídas de pessoas de um lugar para outro, em particular, para o que nos interessa que é de um país para outro. Mas, não temos dúvida em afirmar que a dimensão econômica, ou seja, a falta de trabalho/emprego, o salário baixo, as secas, as enchentes, como a do Paquistão nos meses de agosto e setembro, a impossibilidade de sustentar a família, de colocar alimento à mesa, impulsionam grandes contingentes de pessoas a saírem e tentarem uma vida melhor em algum espaço/país que não seja o seu de nascimento ou o que se encontram no momento.

A imigração sempre existiu; é parte constitutiva da História e, não temos dúvida que sempre se fará presente, inclusive com tendência de se ampliar em razão do aumento da pobreza do mundo ocasionado pelas formas predadoras de produção, que excluem, exploram, substituem força de trabalho e concentram capitais e riquezas em poucos espaços mundiais, do aumento da automação, das tecnologias substitutivas da presença humana no campo produtivo, seja esse no espaço urbano e/ou rural/agrícola.

Nunca esquecendo também o aquecimento global cada vez mais intenso, que, produz catástrofes ambientais de grandes proporções, salinização de solos, principalmente na África Ocidental, secas cada vez mais intensas, concentração de população em grandes centros urbanos, bem como o aumento da população (chegando em 8 bilhões, ou, talvez, até mais, segundo alguns estudiosos do tema) (Giudici; Wihtol de Wenden, 2020).

Tudo isso acaba produzindo mais e mais pobreza, mais e mais fome e, mais e mais estratégias de saídas como desespero para sobreviver e/ou não mais do que continuar a viver, ter algum tipo de abrigo, sustentar a família, lutar por um prato de comida (Bauman, 2017).

¹ Uma análise mais ampla está sendo desenvolvida e será objeto de um livro com previsão de término em meados de 2023.



Migrantes, de vários países, tentando atravessar uma das pontas do muro que separa o México dos Estados Unidos, em Tijuana.

Foto: Atlas/Vídeo. Agência Getty Images. David Mcnew. Fonte: https://elpais.com/internacional/2018/04/29/mexico/1525033999_476242.html. Acesso em 12 de novembro de 2022.

Pensar que isso possa se reverter de imediato, se é que existam ainda condições e interesses nesse sentido, é pura ingenuidade. Parece que o mundo não caminha para essa estrada. Ao contrário, vimos todos os dias derrubadas de florestas que ainda existem (vide o caso brasileiro), exploração sem medida de recursos naturais não renováveis, sede egoísta e irracional de lucros imediatos, guerras civis, guerras armamentistas, muros e mais muros, fronteiras cada vez mais fechadas, dentre uma longa lista de processos que não nos deixam animados.

Não dá para imaginar que a natureza vegetal e animal possa se renovar imediatamente, muito menos processos de desenvolvimento sustentável, equitativo e solidário sejam passíveis de produzirem efeitos de uma forma imediata no mundo. Além de que precisaríamos de um amplo conjunto de pré-requisitos para viabilizar isso e, ao que parece, experiências nesse sentido evidenciam-se em conta-gotas, num ritmo muitíssimo menor do que as destruições. São décadas de alerta sobre a irreversibilidade do aquecimento global, das catástrofes, dos custos de vidas humanas (Pandemia do Covid – 19), dos custos para reconstruir os estragos e as consequências, das perdas de milhares de vida. Parece que tudo isso não encontra eco em sociedades maiores, em governos que têm poder mundial, empresários, cientistas, agricultores, dentre outros (Macedo, 2019).

Mas, o que isso tem a ver com a fome e a imigração? Tudo. É a sua face visível; aliás, é tudo isso somado e, tão evidente, que acaba tirando a comida do prato de milhões e milhões mundo afora. Além disso, com o aumento da pobreza, das contradições sociais, intensificam-se as conflitualidades. As relações sociais se tornam sempre mais tensas, desesperadoras, violentas, de exclusão, de disputas não éticas e muito menos que revelam a humanidade dos humanos, e, com isso, a vida se coloca em perigo (Lemke, 2017). A fuga desesperadora de intensos contingentes, em boa parte dos continentes, é expressão clara disso tudo; é a sua contradição, sua negativização.



Uma inédita caravana de quase 20 mil migrantes partindo do sul do México para tentar entrar nos Estados Unidos, em 6 de junho de 2022. Niem-Migração, 21/06/2022. Fonte: https://www.eldiario.es/desalambre/inedita-caravana-15-000-migrantes-parte-sur-mexico-eeuu_1_9058514.html. Acesso em 14 de novembro de 2022.

O mundo já não pode mais fechar os olhos para essa realidade que expressa sua contradição. Não há mais como viver isolado e muito menos virar o rosto para essa face contraditória e perigosa do mundo atual. Especialistas enfatizam que regiões ricas estão ficando sempre mais ricas e as empobrecidas se ampliando em quantidade e intensidade, ou seja, em outras palavras, o fosso que separa enriquecidos e empobrecidos está cada vez maior (Bauman, 2017). Parece que a sede capitalista para o lucro e à acumulação de capitais produzem um imaginário escatológico de que os fins dos tempos estão próximos, logo, precisamos nos proteger acumulando riquezas como tábua de salvação e/ou proteção frente ao seu próprio fim.

O capitalismo desenvolve o imaginário do dinheiro, do lucro, da acumulação, da mercadoria como representação do bem-viver, mas ele não pode e nem deve distribuir tudo isso para todos; logo, não indo ao encontro de todos, os excluídos ou incluídos marginalmente vão ao seu encontro. Por isso, países que concentram mais a riqueza, há uma maior presença de imigrantes.

Ao que nos parece, o desenvolvimento do subdesenvolvimento, bem como, nações e regiões desenvolvidas só o são na proporção em que provocam subdesenvolvimento em outras. Essa é a lógica perversa que perdura.

2 UM MUNDO EM MOVIMENTO...

Alguém já disse que “tudo é ilusão, menos a fome”

O mundo continua sendo cada vez mais migrante (Ambrosini, 2020). As tecnologias de comunicação e informação, as quais permitem conhecimentos sobre o que se passa no mundo também fornecem meios para a mobilidade populacional; porém, mesmo com esse recurso, os imigrantes continuam a sofrer bloqueios, dificuldades, contraposições, restrições de mobilidade e muros físicos e de outras dimensões; ou seja, não basta conhecer mais, ter mais informações, ser atraído pelas propagandas de agências de viagens e imagens do mundo enriquecido e de vida melhor se a dinâmica política, a concepção de

fronteira nacional, de nacionalismo étnico e racializado impedem passagens aos mais empobrecidos do mundo.

Dados mais recentes informam que há em torno de 4% da população mundial como migrantes internacionais, ou seja, mais ou menos 290 milhões. Uma entre 30 pessoas vive fora de seu país (Acnur, 2022). As mulheres representam quase 50% dos imigrantes internacionais, fato esse que marca e diferencia o cenário atual de outros tempos da dinâmica migratória. Ser forçado a deixar tudo para trás e tentar a vida em outro lugar, este é o dilema enfrentado pelo número recorde de 82,4 milhões de pessoas, de acordo com dados do relatório *Tendências Globais*, do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), divulgado em junho deste ano (2022). O contingente de refugiados entre os imigrantes vem aumentando sempre mais.

A América Latina vem se revelando nas últimas décadas uma ampla região de migrantes. Segundo dados da OIM, em 2021, mais de 4% da população são migrantes. A fome, a turbulência política, a pobreza, governos insanos, desastres ambientais, embargos econômicos, somados às políticas imperialistas e/ou neocoloniais de algumas nações centrais, vêm produzindo e ampliando essa realidade de êxodo. Países como o México, o Haiti, o Peru, a Venezuela, inclusive o Brasil, revelam isso (Idos, 2022). Países desse continente convivem numa situação aparentemente ambígua: possuem um índice elevado de emigrantes (o Brasil, segundo dados do Ministério de Relações Exteriores, por volta de 4 milhões), e, também, são receptores, como é o caso do Brasil e da Colômbia em relação aos venezuelanos, ou, então, vários outros, como é o caso da Argentina, Chile, República Dominicana, México e mesmo o Brasil que recebem também de vários outros continentes. A crise no Haiti, na Síria, na Ucrânia, no Afeganistão, na Venezuela, dentre outros, nos últimos anos, ampliou esse contingente.



Imigração de venezuelanos em Pacaraima. Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/foto/2018-08/venezuelanos-saem-de-pacaraima-em-busca-de-abrigo-em-boa-vista-1582311558-8>

3 A FOME E O REFÚGIO, OU O REFÚGIO DA FOME...

O direito à alimentação é expressivo de um dos direitos humanos, pois, revela defesa da vida; está no rol dos direitos fundamentais da pessoa humana e, por isso, abarca uma dimensão transnacional e transfronteiriça. No entanto, isso não é levado em conta por governos, pela lógica econômica e de mercado, muito menos por sociedades enriquecidas. Muitos alimentos estão servindo para os biocombustíveis e para outros fins e, não para a alimentação humana (Dupas, 2005).

Todos sabemos que, com as tecnologias e as pesquisas científicas, a produção de alimentos no globo vem aumentando. É por isso e para isso que elas existem e se intensificam cada vez mais. Porém, então, por que a fome vem se ampliando? Alguma coisa não fecha nessa equação. Aumenta a oferta de alimentos e a fome aumenta! O problema nisso tudo está nas dinâmicas de poder, na má distribuição, no uso dessa fonte de vida para outros fins, no desperdício, no consumo exagerado de muitos, nas estratégias de dominação econômica e política e na produção da dependência, na guerra pelos grãos que faz com que muitas regiões do mundo tenham de trocar suas riquezas naturais (ouro, madeira e outros minérios) por comida. Os alimentos, como qualquer outro recurso, são mercadorias, fazem parte de uma geopolítica de lucro e poder e, não de defesa e preservação da vida.

Dados recentes informam que há mais de 2 bilhões de pessoas vivendo em situação de insegurança alimentar no mundo, ou seja, não ganham recursos financeiros suficientes para matar a fome de sua família e/ou para nutrir-se com o mínimo necessário para uma vida minimamente saudável. A maioria desse contingente, em termos percentuais, está na África, com 20% de atingidos; Ásia com 11,7% e América Latina e Caribe com 6,6% (Idos 2022). Para muitas destas regiões, principalmente de países da África e da Ásia, grandes contingentes não idealizam muito mais ao sair do seu país do que ter a possibilidade de comer; submetem-se a trajetórias perigosas, ultrajantes, constrangedoras de intensa exploração e violência em vários âmbitos, seja em selvas como no Panamá para chegar aos EUA, em mares, como o Mediterrâneo entre norte da África e Sul da Europa, os perigos, altos custos financeiros e as prisões nos muros da fronteira entre México e EUA, nas intensas distâncias, realizadas com longas caminhadas e enfrentando perigos como as vividas por senegaleses, bengalis, haitianos e venezuelanos para atingir o norte do Brasil, dentre centenas de outras experiências atuais que expressam desesperos em busca de pão, trabalho e abrigo (Baeninger; Vedovato; Nandy, 2020). Muitos morrem ao atravessar, o fazem tentando defender e reproduzir sua própria vida. Se conseguem atingir o destino, comumente são tratados como “ilegais”, portanto, como contraventores e, por isso, serão criminalizados. Além da fome que os vitimou, agora o são pelo estado-nação, pelas legislações de países e da cultura social produzida nos espaços de destino.



Realidades contrastantes: imigrantes hondurenhos na região de fronteira com a Guatemala.

Foto: WFP/Julian Frank. ONU-NEWS, em 14/06/2022 Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/06/179235>. Acesso em 10 de novembro de 2022.

4 VENEZUELANOS EM PACARAIMA: A MARMITA SALVADORA...

A realidade vivida por venezuelanos no estado de Roraima já é por demais conhecida, em particular, na cidade de Pacaraima e na capital Boa Vista.² Já são quase cinco anos que esse processo vem se desenvolvendo. Dia-após-dia levam imensas de pessoas atravessam a fronteira e buscam inserir-se no Brasil. Em alguns períodos, há histórico de entradas diárias de mais de mil pessoas. No período que estivemos presente nela (novembro de 2022), a média diária de chegada, segundo o comando do Pelotão do Exército de Fronteira lá presente, girava entre 300 a 400 pessoas. É uma realidade migratória jamais vivida pelo país em termos de intensidade num tempo tão curto e num estado com condições limitadas como é o de Roraima.

Dados do Acnur (ONU) informam que são mais de sete milhões de venezuelanos que buscaram até então as portas de saída do país. Destes, quase dois milhões foram para a Colômbia; no Brasil, já se aproximam de um milhão; para os Estados Unidos, o número também é elevado, além de outros países que os estão acolhendo e abrindo suas fronteiras. É importante enfatizar que os dados são muito imprecisos, pois muitos não são registrados, entram por caminhos alternativos, migram e vão para casa de familiares, parentes, amigos e conhecidos; outros entram, solicitam as políticas de Acolhida Humanitária, e, após, um tempo retornam. Portanto, entradas, retornos e reemigrações são comuns; é parte da dinâmica e, os dados estatísticos, além de comumente falhos, não abarcam essas estratégias e racionalidades próprias dos imigrantes.

As causas desse processo migratório específico são complexas e diversas; difícil explicá-las minimamente aqui num espaço tão curto; mas, podem ser resumidas com maior expressão pelo âmbito econômico e político. Embargos econômicos promovidos pelos Estados Unidos, reeleição de Maduro, constituição de governo paralelo pelo auto denominado presidente Guaidó, em boa parte, com financiamento americano no período do governo Trump, quebra de contratos de compra e refinamento de petróleo venezuelano pelos EUA, estratégia do governo de militarizar o país para sufocar a oposição, enfraquecimento desta com consequente represália aos seus apoiadores pelo governo do presidente Maduro, boicote de saída de produtos provocado por grandes redes de atacadistas com a intenção de aumentar o preço dos seus produtos, dentre outros processos.

As consequências de tudo isso, além de outras, podemos elencar, a redução do emprego, a intensa dependência do país em relação ao petróleo e, este, atrelado a um só país (os EUA), o intenso aviltamento do salário dos trabalhadores, conflitos sociais, intenso controle social pelo estado, fome e miséria, além, é evidente, as portas de saídas. Somado a isso tudo, houve o uso político dessa realidade de crise e migração por governos como o do Brasil e dos Estados Unidos, principalmente a partir de 2018 com políticas de Acolhida Humanitária³ e concessão de refúgio a um grupo seletivo (somente aos venezuelanos, como foi o caso brasileiro) e midiaticizado como forma de contraposição e crítica ao governo Maduro e aos que, em algum período anterior ao conflito social e político, haviam produzido ações econômicas conjuntas.

A face mais drástica disso tudo se revelou, e continua, para o caso brasileiro, no estado de Roraima com o total descontrole social e político entre 2018 a 2020, em algumas

2 O espaço reduzido e as informações que dispomos até então não nos permitem ter um amplo processo que se desenvolveu nesses mais de quatro anos dessa realidade no referido estado e, particularmente, na cidade de Pacaraima. Situação essa que foi amplamente retratada pela mídia nacional.

3 No Brasil foi denominada de Operação Acolhida. Criada em março de 2018, ela objetiva o atendimento humanitário a refugiados e imigrantes venezuelanos em Roraima em razão da crise política, econômica e social de seu país. Exerce ações de ordenamento de fronteira, fornece espaços para o abrigamento e interiorização de imigrantes. As atividades exercidas nesses três âmbitos são muitas e estão em parcerias com órgãos de apoio internacional e com as instituições religiosas, do terceiro setor, dentre outras, as quais possuem um amplo horizonte assistencial.

idades, em particular, na porta de saída venezuelana que é Pacaraima. A presença efetiva e ampliada do Exército Brasileiro, dos órgãos ligados à ONU (Acnur, OIM, Unicef), bem como a Cruz Vermelha, mas, acima de tudo de instituições religiosas, em especial, da Igreja Católica e de outras entidades da sociedade civil, vêm dando um certo ordenamento, uma tentativa de gestão do processo, principalmente com obras assistenciais (abrigos para mães, serviço da Caritas com abrigos, entrega de marmitas, assessorias, cursos de artesanato, dentre várias atividades de auxílio, assistência, apoio, orientação etc.).

Porém, a problemática é tanta, os limites da mesma forma em razão da quantidade de imigrantes, da realidade jamais vivida no local e por todo o país, o desespero e desamparo de milhares de pessoas que, no início do processo não tinham para onde ir, abrigar-se e o que comer. Fome, noites no relento e na chuva, oposição de boa parte da população local, destino incerto (a única certeza é que estavam fora de seu país), sem trabalho, sem domínio da língua, dentre uma série de outros processos, marcaram a vida deles e vêm ainda, num grau menor, constituindo-se nesse cenário.

Segundo informações colhidas no local, há maior número de venezuelanos na cidade do que de nativos⁴ ainda que, por ser uma cidade de fronteira, essas mobilidades populacionais entre os municípios acontecem de uma forma muito comum. Porém, o processo é tão intenso que sua gestão se tornou complexa e de difícil resolução. A língua que mais se ouve na rua é o espanhol. O comércio da cidade ganhou um amplo incremento; muitos negócios e serviços constituíram-se ou intensificaram-se pela presença de dezenas de milhares de venezuelanos. O espaço curto não nos permite descrever algumas destas dinâmicas.



Padaria gerenciada pelas irmãs da Congregação de São José. Para além de sua dimensão comercial, ela presta um amplo serviço assistencial aos imigrantes venezuelanos. Fonte: acervo de pesquisa de campo.

É visível a soma de esforços das entidades civis, militares, religiosas e humanitárias (ONU, Cruz Vermelha). As ações de interiorização⁵ de levas de imigrantes para várias partes do país onde houver demanda para trabalhadores viabilizam deslocamentos cotidianos, em geral, de ônibus até Boa Vista e, após, dependendo da região do país, de avião, com passagem paga pelo governo brasileiro e por entidades humanitárias.

4 Segundo o IBGE, em 2021, a população de Pacaraima girava em torno de 19 mil habitantes. Ver <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pacaraima>. Acesso em 16/11/2022.

5 Ação desenvolvida pelo Governo Federal, através de seus órgãos responsáveis em Pacaraima e Boa Vista, a qual objetiva facilitar a realocação voluntária de imigrantes venezuelanos pelo interior do país em busca de um espaço laboral e de integração local.

Porém, as demandas ou os receptores não são muitos em nível de país. A grande maioria fica em espera por esse espaço de trabalho, fato esse que, somado às entradas diárias, produz um imenso contingente represado de imigrantes que, segundo informações de um coronel da Operação Acolhida em Boa Vista, nesse momento, está em torno de 8 mil venezuelanos. Muitos dos imigrantes permanecem em barracas do Exército ou em abrigos organizados pela Igreja Católica e/ou outras entidades.

É nesse cenário que a alimentação é fundamental. São distribuídas diariamente milhares de marmitas. Muitos migram para Pacaraima e Boa Vista em razão delas, pois, em geral, contemplam basicamente as três refeições diárias. Isso faz parte da política da Acolhida Humanitária do Governo Federal. Entrevistamos vários imigrantes que nos disseram que as marmitas “nos salvam. Elas matam o que está nos matando, a fome”. Abrigos, proteção às noites de temperatura mais baixa, locais para se lavar, para a higiene e necessidades fisiológicas, fora dos espaços institucionais da Operação Acolhida, são incipientes, por isso muito estão ainda tendo o espaço da rua como proteção; mas, sem a marmita, eles morreriam de fome, pois não há alternativa, não há trabalho na cidade de Pacaraima para todo o contingente de imigrantes, muito menos em Boa Vista.

Alguns autóctones que dialogamos de uma forma informal, em geral, empresários lojistas, donos de restaurantes que almoçávamos, foram unânimes em afirmar que “essas marmitas atraem mais imigrantes ainda, pois, muitos deles têm cama, mesa e banho gratuito. [...]. Numa penúria como eles dizem que vivem lá, ter tudo isso, não tem quem não venha, até porque se quiser voltar, o caminho de volta está livre”.

Há muitas controvérsias, oposição, resistência de membros da sociedade local em razão de que partes da cidade “viraram dormitório; onde você andar por aí está tomado de gente dormindo, de dia e de noite, em frente às lojas, por tudo. Eu queria que tivesse visto anos atrás, a cidade era um dormitório só. Agora está bem menos. [...], mas ainda é só prato e plástico das marmitas no chão, não jogam nada no lixo. A cidade não é deles, não é!” No entanto, alguns dos que conversamos afirmaram que o comércio ficou intensamente mais dinâmico com a presença deles; reconhecem que as próprias marmitas empregam muita gente, enfim, que a economia da cidade teve um salto imenso nos últimos quatro anos em razão dos imigrantes venezuelanos, além de que, não são só eles que jogam os pratos e plásticos no chão.



Imigrantes venezuelanos em rua de Pacaraima. Foto: Caíque Rodrigues/G1 RR. Disponível em: <https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2021/08/29/nao-temos-um-real-sequer-temos-fome-venezuelanos-que-tentam-vida-melhor-no-brasil-sofrem-para-encontrar-o-que-comer.ghtml>

Um entrevistado disse que “agora a situação está bem melhor, tem as marmitas. Mas, por meses, no início aqui quem comia alguma coisa era pão e mortadela, ou pão puro, a família inteira. E quem conseguia isso podia se contar feliz. [...]. Havia muita fome aqui, muita fome; era só gente, mães e crianças chorando de fome”. Todos os entrevistados disseram que a falta de comida era o que mais os deixavam preocupados, “não ter o que dar para os filhos comer”. Um deles nos disse que passou 13 dias comendo pão e mortadela.

Imigrantes, ao entrar no Brasil, fazem uma verdadeira maratona de atendimentos, várias filas para realizar as ações exigidas pela Operação Acolhida. De uma forma sintética, primeiramente, eles vão à Polícia Federal para registro, após, para o setor de teste de Covid-19 e recebem vacinas previstas no calendário nacional de imunização. Após esse processo, há o encaminhamento para a emissão de documento (*permissos*) que os autorizam a entrar no país; posteriormente, há a retirada do CPF. Finda essa parte, há a elaboração e expedição dos protocolos de seu pedido específico, ou seja, de refúgio ou de autorização de residência temporária, dentre outros procedimentos.

Essas exigências podem levar o dia todo ou até mais em razão do número de chegadas e dos documentos disponíveis pelos imigrantes. Para o pernoite, em Pacaraima, os imigrantes são separados por sexo, dentre outras seleções e requisitos. Segundo informação do Coronel responsável pela Operação, em diálogo conosco, não há espaços para todos. Há muitas entradas e saídas. Conforme as saídas vão acontecendo (interiorização pelo país), vão abrindo-se espaços para novas entradas. Os fluxos são contínuos. Nem todos os imigrantes desejam ir para os alojamentos, preferem outros espaços, ou a própria rua, ou alugam pequenos cômodos para permanecer temporariamente. Nos alojamentos do Exército, há acomodações para dormir, alimentação, água, banheiros, assistência em saúde, segurança, dentre outros serviços.



Tendas do Acnur/ONU em Boa Vista (RR) para abrigar venezuelanos. Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil. Ramana Rech Duarte - MigraMundo Equipe, em 14 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/920703-comissao-vai-debater-operacao-de-acolhimento-de-imigrantes-venezuelanos>

ENFIM...

Sem poder avançar muito em razão do espaço restrito, o que posso dizer é que é uma realidade-em-ato, está acontecendo, revela-se ímpar na região e, em boa parte da história do país. Muitas das precariedades vividas por imigrantes no início da imigração não se fazem mais presentes em razão da Operação Acolhida e da intensa participação de instituições religiosas, em especial da Igreja Católica, do município de Pacaraima e da Diocese de Boa Vista e de outras entidades ligadas à ONU; porém, a dinâmica é intensa.

Não se sabe quando isso tudo vai terminar e, muito menos se todos os problemas estão resolvidos. Cada dia é um dia segundo o comando do Exército presente em Pacaraima. O sonho dos imigrantes é a busca de uma vida melhor. Entendemos que se faz necessário estudos localizados onde estão os imigrantes interiorizados para saber se realmente isso vem acontecendo.

É imperativo que a sociedade brasileira tenha consciência do período vivido no país de origem desses imigrantes, que esteja aberta para a aceitação, hospitalidade e auxílio. Tem-se a consciência de que não se está resolvendo a questão pelas suas causas, nem cabe isso aos brasileiros, mas, se pode amenizar e/ou evitar o mal da fome. Para muitos imigrantes, a marmita salvadora de hoje é sua idealização principalmente para seus filhos pequenos, pois lhe permitem simplesmente continuar a viver e a sonhar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. *Tendências Globais*. Documento, 2022.
- AMBROSINI, M. *Famiglie nonostante. Come gli affetti sfidano i confini*. Bologna: Il Mulino, 2020.
- ARENDT, H. *Las origenes del totalitarismo*. Madrid: Taurus, 1963.
- BAENINGER, R.; VEDOVATO, L. R.; NANDY, S. (Coord.). *Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19*. Campinas: NEPO/Unicamp, 2020.
- BAUMAN, Z. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- DUPAS, G. *Atores e poderes na nova ordem global: assimetrias, instabilidades e imperativos de legitimação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- GIUDICI, C.; WIHTOL DE WENDEN, C. *I nuovi movimenti migratori. Il diritto alla mobilità e le politiche di accoglienza*. Milano: Franco Angeli, 2020.
- IDOS, Fondazione. *Dossier statistico immigrazione – 2021*. Roma: Idos Edizione, 2022.
- LEMKE, T. *Biopolítica: críticas, debates e perspectivas*. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2017.
- MACEDO, J. S. *Pessoas e mundos em movimento: migrantes haitianos e senegaleses na região da Grande Florianópolis (SC)*: UFSC, 2019. Tese em Antropologia Social.